Ano XI — Lisboa, Setembro de 1955 — N.º 125

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A Positividade do Escotismo



Uma das facetas que caracterizam mais o nosso movimento é o seu cunho acentuadamente positivo. B.-P. procurou, com afã, impregná-lo de normas que estimulassem o rapaz, reprimindo-lhe as tendências mórbidas do seu temperamento, é certo, mas mostrando-lhe, em toda a sua amplidão, a planície acolhedora de uma vida activa ao serviço do bem.

A Lei do Escoteiro é toda ela uma afirmação: o escoteiro é generoso, é verdadeiro, é económico; o escoteiro pratica a boa acção; o escoteiro é puro. Em toda ela não ocorre a mancha discordante de um *não* ou a lama de um *nunca*. E é esta virtude rara que o nosso decálogo mostra a sua superioridade sobre outros, como, por exemplo, o de Jefferson. Este, com as suas normas impeditivas, pode conduzir à inacção; o nosso é todo um convite à acção, um hino ao movimento.

N. S. Jesus Cristo também soube incutir no seu ensino este carácter prático, decerto um daqueles aspectos em que muitos vêem a influência do Cristianismo no nosso método educativo. «Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós», assim exorta Ele os Seus discípulos.

Permanecer calado, mostrar-se indiferente ou ficar inactivo, em certas conjunturas, vale tanto como aprovar os actos lesivos de outrém. Quando a S. Pedro e a S. João foi feita a oferta da benevolência do Sinhédrio, caso eles deixassem de anunciar o Evangelho, os dois servos de Cristo repeliram, indignados, o oferecimento, clamando: «Nós não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido». Os Apóstolos sentiam arder neles o fogo da mensagem Divina, anseavam realizar o que lhes fora ordenado; para eles, a passividade era desagradável e perniciosa.

Nos dias que correm, o Homem está-se deixando manietar pela enganosa miragem da ociosidade. Os cafés e recintos de diversões, os lugares clássicos da inactividade, estão cada vez mais concorridos. O *não faças*, o *não vás* ou *não tentes* são o estribilho que, na hora presente, tantos escutam no seu coração ao formular-se-lhes o convite para uma tarefa, a não ser que qualquer interesse lhes venha aguçar o apetite e accionar-lhes a vontade

O carácter positivo do Escotismo é a alavanca capaz de reprimir esta tendência para o comodismo moderno, apontando ao adolescente um programa de intensa actividade e pródigo em realizações. Indiquemos aos rapazes esse «jogo alegre ao ar livre, onde homens de espírito jovial se aventuram como irmãos, velhos e moços, em busca da saúde, felicidade, destreza e habilidade».

Com um programa tão atraente e sugestivo, qual é o jovem que se lhe mostrará indiferente, negando, assim, o sentido realizador do Escotismo?

JOEL RIBEIRO

Não mintais a vossos pais, a vossos mestres, a vossos camaradas, a vossos chefes, a vossos amigos. Sobretudo, não *mintais a vós próprios*, à vossa consciência. Se o fizerdes, cedo ou tarde, ela se erguerá perante vós, como Juiz incorruptível e inexorável, a impor-vos um ferrete de ignomínia que vos acompanhará até além da morte: MENTIROSO!

O VELHO LOBO NEGRO do NORTE
E. C. D.

MENSAGEM DO PAPA PIO XII

aos Escoteiros Católicos reunidos no 8.º Jambori Mundial, no Canadá

«Quando o Jambori mundial de Niagara-on-the-Lake se prepara para abrir as suas portas a toda a juventude ardente, animada pelo mesmo ideal de servir, de energia e de lealdade, respondemos com a melhor vontade ao apelo dos Escoteiros Católicos canadianos e enviamos-lhes, bem como a todos os nossos filhos de todas as nacionalidades que a eles se reunirão sobre a sua terra hospitaleira, um convite paternal para colaborarem com coração unânime no êxito desta vasta reunião.

«No decurso dessas jornadas de vida fraternal, em que se multiplicam os intercâmbios cordiais e se ligam novas amizades, os nossos filhos lembrar-se-ão de que, como verdadeiros discípulos do Mestre das Beatitudes, devem ser, entre os seus camaradas, os «artífices da paz», abertos a todos, acolhedores e compreensivos para as pessoas, para além da diversidade das culturas e das raças. Tomarão a peito dar testemunho de uma alegria clara e duma pureza corajosa, fundadas sobre o altruísmo e o sacrifício. Afastando as tentações de uma existência demasiado fácil, serão os primeiros nas vias evangélicas do desprendimento e da simplicidade de vida; e, num mundo tantas vezes duro e egoísta, darão provas dessa autêntica força moral, que revela pela doçura e pela bondade paciente para com todas as misérias da alma e do corpo. Que a fé viva dos nossos queridos escoteiros católicos brilhe, enfim, no meio de todos os seus irmãos, como a luz que ilumina a casa e faz reunir a família dispersa. Formulando este voto, nós chamamos sobre eles uma larga efusão de graças divinas e concedemos-lhes, do nosso coração paternal, uma larga Bênção Apostólica».

PIO XII

TOPOGRAFIA

Damos sob esta epígrafe algumas indicações que serão muito úteis aos escoteiros que ainda não tenham a capacidade de topógrafos, para os auxiliar na leitura das cartas topográficas.

Como orientar a carta

De posse de uma carta, orientamo-la procurando um local marcado na mesma, fazendo coincidir a sua representação gráfica com o objecto representado. Desta forma, todos os lugares estarão identificados, tornando assim fácil a sua leitura.

Isto quando na mesma não vem indicada a respectiva orientação, que sempre é representada com uma pequena seta limitada pelas letras N, junto à flecha, e S, no lado oposto.

Com o auxílio de uma bússola, que sempre acompanha o escoteiro, procuramos orientar a bússola, até encontrar o N que é representado pela parte azul da agulha, descontando a declinação magnética que se encontra à esquerda do Norte verdadeiro.

Tomada a carta, rodamos com ela até fazer coincidir o Norte da bússola com a flecha da carta e efectuado isto, está a carta orientada.

Achar a escala omitida

Muitas vezes, possuímos cartas topográficas, que, por qualquer circunstância, não têm escala. E-nos fácil encontrá-la pelo modo que vamos ver.

Mede-se a distância entre dois pontos conhecidos, que sejam representados na carta, em seguida, mede-se a sua representação gráfica na mesma; dividimos a distância natural pela carta e acharemos um número que é o que representa a escala.

Exemplo:

Entre dois pontos distantes num terreno há uma distância de 1 quilómetro e a sua representação gráfica é de 0m,02 temos então:

$$\frac{1.000}{0{,}02} = 50.000 \text{ ou seja}$$

a escala $\frac{1}{50.000}$.

Geralmente as cartas mais empregadas no nosso país são as do Instituto Geográfico e Cadastral na escala de 50.000.

Alguns instrumentos de reconhecida utilidade em campo:

Bússola de alidade Peigné.

Pedómetro ou conta-quilómetros.

Curvímetro.

Barómetro aritmético (a).

Duplo decímetro.

Régua de Milésimos.

Estádia.

(a) Só para alpinistas, a fim de lhes indicar a altitude a que se encontram.

Desabafo de um amigo do Escotismo

Lavradio, 24 de Agosto de 1955

Senhor Director do «Sempre Pronto»:

Sou desde há muito vizinho e amigo dum escoteiro, e quis o acaso que viesse a ser companheiro de trabalho dum outro senhor, que também pertenceu muitos anos ao escotismo, movimento do que me tornei simpatizante. Pois estes senhores pelo seu procedimento e descrição tão entusiástica que fazem da causa a que pertenceram, tornaram-se também credores da minha amizade, e é ainda em atenção a eles, que tomo a liberdade de tomar a V. algum tempo relatando lhe o seguinte:

No dia 16 p. p., parou na Estação de Lavradio, um comboio que vinha a abarrotar de passageiros, mas trazia, que eu visse, uma carruagem onde apenas vinham escoteiros e muito à vontade, pois na plataforma central vinham apenas dois.

Como era precisamente a hora que mais gente vem para o trabalho, alguns passageiros pretenderam entrar para essa carruagem mas tiveram que vir empoleirados nos estribos porque os ditos cavalheiros, com palavras e gestos poucos edificantes, não permitiram que entrassem. Isto deu, como V. pode calcular, origem a comentários desagradáveis e até a alguns insultos por parte dos improvisados equilibristas.

Parecendo-me que tal procedimento é a antítese da finalidade do Escotismo, resolvi trazer estes factos ao conhecimento de V.

Sem mais...

a) Domingos João Pereira de Oliveira

* * *

Agradecemos que este nosso estimado amigo tenha querido desabafar connosco. Isso já prova a sua simpatia pelo Escotismo. Publicamos a sua carta para que ela possa servir para fazer notar a responsabilidade de cada escoteiro e dirigente que enverga o nosso uniforme.

Das nossas atitudes depende inteiramente o prestígio e a simpatia do nosso Movimento.

Certamente que os escoteiros tinham direito a viajar sòzinhos naquela carruagem. Era reservada. Mas o facto é que estavam a chegar ao fim da viagem, apenas a 15 minutos do termo, e teria constituído uma nota simpática o franquear a carruagem a quem vinha para o trabalho grangear o pão de cada dia. Sacrificariam, é certo, por uns minutos, a sua comodidade, mas ganhariam—talvez para sempre—a simpatia daqueles chefes de família, cujos filhos poderiam vir a ser escoteiros. Assim... grangearam más vontades e antipatias.

Estavam nas primeiras horas do dia, poderiam ter feito a boa acção. Este espírito de serviço é essencial ao Escotismo. Se o perdermos, perderemos o próprio escotismo...

E o amigo, que teve a gentileza de nos escrever, não diminua, por isto, a sua simpatia pelo Escotismo. São atitudes impensadas, que de forma nenhuma representam menos respeito por aqueles que labutam pelo pão de cada dia.

JOGOS

BOLA À BARRA

As duas patrulhas colocam-se, em linha, uma defronte da outra, à distância variável consoante a idade dos escoteiros.

No terreno, adiante de cada patrulha, risca-se um traço (barra) paralelo à frente da patrulha.

Utiliza-se uma pequena bola de ténis ou outra semelhante.

O jogo consiste em meter, pelo ar, a bola na barra da patrulha competidora.

No começo do jogo, um escoteiro de uma das patrulhas atira de dentro da sua barra a bola, em direcção à barra oposta. Um ou mais escoteiros que guarnecem essa barra correm ao encontro da bola e do ponto em que a alcançarem jogam-na para a barra de onde veio. Os escoteiros que guarnecem esta barra, todos ou alguns, vão por sua vez ao encontro da bola e do ponto em que a alcançarem jogam-na outra vez para a frente.

O interesse de cada patrulha é alcançar a bola que contra ela é lançada, no ponto mais afastado possível da sua barra e, por conseguinte, mais próximo da barra oposta—onde há maior possibilidade de a fazer entrar.

Não é permitido dar palmadas na bola com o propósito de a impelir para uma posição mais chegada à barra oposta.

Cada patrulha tem interesse em não desguarnecer toda a barra, para fazer avançar todos os escoteiros ao encontro da bola, a fim de evitar que os competidores, acelerando o jogo, consigam colocar-se no meio ou atrás do campo ocupado pelos avançados, tendo à sua frente, sem guardas, a barra contrária.

O jogo deve ser iniciado com pouca velocidade, especialmente tratando-se de escoteiros que pela primeira vez o joguem, e ir sucessivamente adquirindo intensidade.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

SUÉCIA

Em Breviknais, na província de Ostergotland, na Suécia, realizou-se no mês passado um grande acampamento de escoteiros, no qual tomaram parte 1.200 rapazes. Estiveram representadas as associações escoteiras da Noruega, Dinamarca e Holanda. Foram armadas mais de 300 tendas e estabelecidos serviços de Correio, uma estação telefónica e um hospital de campo.

HISTÓRIAS DA BÍBLIA

O FILHO PRÓDIGO

Um lavrador muito rico vivia com dois filhos, que muito amava, numa grande propriedade, que cultivava com todo o carinho e na qual empregava muitos servos. Todos viviam felizes naquela herdade. O lavrador era muito amigo de todos os seus criados e, juntamente com os dois filhos, tomava parte activa nos trabalhos da lavoura, orientando, dirigindo e acudindo a tudo com a sua experiência.

Os filhos, desde muito novos, tinham sido habituados àquela saudável vida de trabalho, cultivando todas as virtudes do velho pai. Contudo, o mais novo, a partir de certa idade, começou a dar mostras de descontentamento. Ele gozava, é certo, da abastança da casa, o pai estimava-o profundamente, a própria criadagem, que o vira crescer, tinha por ele profunda simpatia. Mas julgava perder os anos da sua mocidade naquele ambiente de trabalho. Outros rapazes da sua idade, possuindo menos riqueza, gozavam a vida intensamente, em festas, que duravam noites inteiras, banqueteavam-se e tomavam parte noutras pândegas lá longe na cidade, onde ele só raras vezes ia na companhia do pai. Outros rapazes ainda corriam mundo em viagens aventurosas de onde voltavam a contar sucessos extraordinários.

Este filho mais novo cismava nestas coisas e de noite sonhava com aventuras que imaginava viver. A pouco e pouco o seu espírito foi-se habituando a tais ideias, crescendo cada vez mais a vontade de participar naqueles festins que tanto atraíam os outros rapazes.

Decidiu-se por fim. Já era um homem—dizia—, sabia muito bem governar-se, e a parte da herança da sua mãe, a que tinha direito, dava muito bem para viver sòzinho sem estar sujeito àquela vida de trabalho. «Vou aproveitar bem os anos da minha mocidade e gozar a vida!».

Dirigiu-se a seu pai e, numa atitude decidida, disse-lhe:—Pai, quero a parte da fazenda que me pertence, porque já tenho idade suficiente par tratar dos meus negócios e orientar a vida segundo a minha vontade.

O pai ficou muito triste, deu-lhe alguns conselhos, procurou mostrar-lhe os perigos da sua atitude, mas verificando que o filho não estava disposto a atender as suas palavras avisadas, fez como ele pedia e entregou-lhe a parte que lhe cabia na fazenda.

O filho, na posse do que ele julgava ser uma riqueza inesgotável, fortuna que faria inveja a outros rapazes, despediu-se do pai e partiu para uma grande viagem. Por lá andou meses seguidos. Conquistou amigos que o acompanhavam nas grandes estúrdias. Na cidade, a sua fama foi grande. Comparecia a todas as festas, tomava parte em todos os banquetes, fazia figura em todos os bailes. Ninguém, como ele tinha tantas amizades e relações. Às vezes o vinho corria abundantemente e as cabeças desorientavam-se.

A pouco e pouco o dinheiro foi-se gastando, ao passo que a saúde se arruinava, minada por tantos vícios. Vieram as dificuldades, o dinheiro já não dava para sustentar uma vida tão dissoluta, e os amigos foram rareando. Logo que o dinheiro acabou, os amigos sumiram-se todos, como, afinal, acontece sempre. Cedo vieram as necessidades, todas as portas se lhe fecharam, e aquele rapaz, outrora tão feliz, sentiu pela primeira vez as terríveis agruras da fome.

Por esmola, conseguiu que um lavrador das redondezas lhe entregasse os porcos para guardar. A profissão era desprezível. Só os miseráveis se entregavam ali a tão humilhante trabalho. Aquele jovem chorou então a sua sorte e muitas vezes desejou comer as próprias bolotas destinadas aos porcos, mas isso era-lhe inteiramente proibido, porque havia naquela terra uma grande fome.

Abandonado, invejando a própria felicidade daqueles suínos, caiu em si e lembrou-se de que em casa de seu pai os servos tinham pão com abundância, eram estimados, enquanto ali ele morria de fome! As lágrimas corriam-lhe abundantemente pelas faces e, pela primeira vez, sentiu arrependimento da vida passada e da grande ingratidão que tinha tido para com o seu bom pai. Sabia, porém, que o pai era bom e que, embora já não tivesse direito a ser tratado como filho, certamente o receberia como criado. Resolveu, por isso, abandonar aquela vida, ir ter com o pai e dizer-lhe: —Pai, pequei contra o céu e perante ti; não sou digno de ser chamado teu filho, mas trata-me como a um dos teus criados.

Levantou-se a encetou a penosa viagem, arrastando-se com dificuldade através das estradas poeirentas. O pai, porém, desde aquele triste dia da partida, não mais deixara de esperar o regresso do filho ingrato, que tanto amava. Por isso, ainda mal o seu vulto se divisava lá longe, na estrada, já o coração do pai, tão afligido por preocupações, adivinhava que aquele velho, que além vinha, era seu filho que tinha partido jovem e vigoroso. Não pôde conter a sua grande alegria, correu, estrada fora, ao encontro do filho querido. Confrangido pelo estado lastimoso em que o via, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o.

O filho, arrependido e lavado em lágrimas, apenas conseguia balbuciar: — Pai pequei contra o céu e diante de ti, já não sou digno de ser chamado teu filho.

O pai não continha em si a alegria do seu coração. Chamou os criados. Mandou buscar o melhor fato que havia no armário, uns sapatos novos, e tirou do seu próprio dedo um rico anel que colocou no dedo do filho reconciliado.

Ordenou que fosse cozinhado o mais gordo bezerro, e deu largas à sua satisfação, reunindo à sua mesa toda a criadagem e afirmando a todos com são entusiasmo: «Este meu filho estava morto e ressuscitou, tinha-se perdido e foi achado».

Já noite, ainda a festa não tinha terminado naquela casa. A música cortava os ares e mostrava que ali havia grande motivo para que todos estivessem alegres.

Adaptação da parábola de Jesus Cristo «O Filho Pródigo» contada pelo evangelista S. Lucas. Por meio desta parábola, o Senhor procurou ensinar, de uma forma expressiva, que, por maior que seja o pecado do homem, há sempre possibilidade de arrependimento, e que Deus se alegra sempre que um pecador arrependido com Ele se reconcilia.

Ora faça o favor de rir...

RESPOSTA DISTRAÍDA

Uma turista, que se estava iniciando na prática do alpinismo, no meio de uma escalada, pergunta inquieto ao guia: — «Que acontecerá se a corda se partir?» ao que o guia responde: «Não se aflija, tenho muitas cordas lá em casa».

BOA DESCULPA!

Zèzinho entra em casa chorando e todo enlameado. A mãe, ao vê-lo todo sujo, exclama: — Mas como tu vens...

— Caí na lama — responde Zèzinho.

A mãe: — O quê?!... com as calças novas?...

Zèzinho, chorando convulsivamente: — Perdão, mãezinha, mas não tive tempo de as tirar.

NO BARBEIRO

O freguês — Foi o senhor que me cortou o cabelo a última vez, não foi?

O barbeiro — Creio que não. Só cá estou há seis meses.

NA AULA DE MORAL

Professor — Digam me vocês o que seria um lar sem mãe?

Um aluno — Uma cinzeadeira.

V Acampamento Regional do Algarve

Grande manifestação escotista em Vila Real de Santo António

Como tínhamos anunciado, realizou-se de 13 a 15 de Agosto, em Vila Real de St.º António, o V Acampamento Regional do Algarve, que teve a participação de 150 escoteiros dos Grupos n.os 1, 2, 5, 7, 9, 10, 13, 53, 79, 85, 93, 94, 99 e «Pedro Álvares Cabral» da Região de Lisboa, com os Grupos n.os 6, de Olhão; 77, de Faro; e 60, daquela Vila, perfaziam mais de duas centenas de escoteiros, que durante aqueles dias encheram de júbilo a população vila-realense.

Comemorava-se o 30.º aniversário da fundação do 60 e, por isso, os dirigentes associativos quiseram testemunhar, com a presença dum tão elevado número de escoteiros, a gratidão pelo carinho com que as autoridades e o povo de Vila Real de St.º António têm sabido manter e patrocinar o seu grupo de escoteiros.

Os escoteiros de Lisboa deslocaram-se com os seus dirigentes em carruagens especiais, sob a orientação do E. C. G. A. sr. Luís Grau Tovar de Lemos, levando como chefe do contingente o E. C. sr. Armando Lino. Acompanharam o contingente os E. C. srs. João Clímaco do Nascimento, Amâncio Salgueiro Jr., Magalhães Ferraz Wolf Karl e o nosso Administrador, que representou o «Sempre Pronto».

Ao chegarem àquela Vila, os escoteiros foram recebidos com grandes manifestações de alegria pelos escoteiros e pela população, desfilando até ao local do acampamento.

O Acampamento

Na Mata do Farol, foi montado o Acampamento apresentando um bom aspecto e pena foi que, por acidentes do terreno, os escoteiros de Lisboa tivessem de ficar um pouco afastados dos seus companheiros do Algarve.

No Domingo, foi içada a bandeira Nacional, com a presença de todos os escoteiros acampados.

À noite, efectuou-se o «Fogo de Conselho», sob a direcção do Chefe João Clímaco do Nascimento, que foi presenciado por centenas de pessoas, tendo sido iniciado com o cerimonial da autoria do E. C. sr. Amâncio Salgueiro., e o E. C. G. A. sr. Tovar de Lemos proferiu algumas palavras alusivas ao acto. Cada grupo apresentou um número, tendo-se ouvido boas canções, parelhas de palhaços, monólogos, e os costumados cantos escotistas, a que a assistência tributou boas ovações. Assistiu ao «Fogo de Conselho» o vogal da Direcção da A. E. P., sr. Garcia de Almeida, que foi ao Algarve enviado pelo sr. Comandante Henrique Tenreiro. No dia 15, realizou-se a Festa de Campo, que teve a assistência do sr. Matias Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal, do delegado da Direcção da A. E. P., do sr. João Trigueiros, antigo escoteiro-chefe regional do Algarve e de todos os dirigentes e escoteiros presentes no acampamento. Os grupos fizeram-se ouvir em canções e o «6» apresentou alguns jogos e «pirâmides humanas» muito interessantes. O Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto leu, depois, a Ordem de Serviço que conferia a Medalha «Lis de Agradecimento», Classe Prata, ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de St.º António, pelo carinho que a edilidade tem dispensado ao Grupo local. Fez entrega da Medalha o sr. Garcia de Almeida, tendo o sr. Vice-Presidente da Câmara agradecido a distinção concedida, congratulando-se por ter sido escolhida a sua terra para tão importante actividade escotista e terminou desejando ao Escotismo as maiores prosperidades. O sr. Garcia de Almeida proferiu algumas palavras, referindo-se ao caso de Goa. Os escoteiros cantaram o Hino Nacional.



Foto C. Macedo

Os escoteiros de Lisboa, à sua chegada a Vila Real de Santo António, desfilam com destino ao acampamento.

Daí a pouco começava a preparação para a debandada, pois os escoteiros de Lisboa regressavam no comboio correio da noite, tendo o V Acampamento Regional do Algarve terminado com o arrear da Bandeira Nacional, cerca das 20 horas, com todos os Grupos formados.

A sessão solene comemorativa do 30.º aniversário do Grupo n.º 60

No Domingo à tarde, no Salão de festas do Glória Futebol Clube, realizou-se a sessão solene comemorativa do 30.º aniversário da fundação do Grupo n.º 60. Os escoteiros fizeram um garboso desfile, com os seus estandartes e a fanfarra de pífaros do Grupo n.º 94, desde o acampamento até à sede daquela colectividade.

Na presidência, via-se-o sr. Matias Gomes Sanches, vice-presidente da Câmara Municipal e Administrador do Concelho, tendo à sua direita os srs. Narciso Fernandes, representante do subdelegado da «Mocidade Portuguesa», Luís Cardoso de Figueiredo, comandante dos Bombeiros Voluntários, e Manuel Cipriano, vice-presidente da Direcção do Glória F. Club; e à sua esquerda o sr. Luís Grau Tovar de Lemos, Escoteiro-Chefe-Geral-Adjunto, os srs. Amâncio Salgueiro Jor., o representante do «Sempre Pronto», Chefe Armando Lino e José Manuel Pereira, chefe do Grupo n.º 60.

Aberta a sessão, os escoteiros cantaram a canção «Eh Lá!» e o Chefe do «60» agradeceu a todos os presentes a sua comparência na sessão do aniversário do Grupo, saudando todos que têm trabalhado na obra escotista do Algarve. Pediu para ser transmitido ao sr. Presidente da A. E. P. o seu agradecimento pela bela jornada escotista que proporcionou aos elementos do seu Grupo.

(Conclui na 5.ª página)



Foto W. Karl

Uma pirâmide do Grupo n.º 6 — Olhão

V Acampamento Regional do Algarve

Grande manifestação escotista em Vila Real de Santo António

(Conclusão da 4.ª página)

O sr. Tovar de Lemos agradeceu à Câmara Municipal todo o apoio que tem dado aos escoteiros de Vila Real de St.º António, definiu e elogiou o trabalho efectuado nos últimos tempos pelos escoteiros do Algarve, que afinal representam um baluarte forte do Escotismo Nacional. Lembrou a criação do primeiro Grupo de escoteiros naquela Província, mercê dum trabalho iniciado há mais de trinta anos pelo chefe sr. Amâncio Salgueiro Jor. depois duma visita feita a Olhão por uma patrulha do Grupo n.º 1. Ao terminar, saudou todos os escoteiros e dirigentes dos Grupos do Algarve, incitando-os a que continuem o bom trabalho que têm realizado.

Procedeu-se à entrega de vários prémios e insígnias, aos escoteiros do «60» como relatamos: Troféu «Grupo n.º 60»—Fitas de 1.º lugar do 1.º trimeste à Pat. Águia: fitas do 2.º lugar do 1.º trim. e 1.º lugar do 2.º trim. à Pat. Poupa; fitas do 2.º lugar do 2.º trim. à Pat. Lobo. O troféu, um artístico bronze com o cavaleiro S. Jorge matando o dragão, ficou de posse da Pat. Poupa. Taça A. E. P., entregue definitivamente à Pat. Lobo. Concurso da Pat. Poupa—1.º Manuel António Duarte: 2.º António Manuel S. Mateus. Concurso da patrulha Águia—1.º Manuel Gomes Godinho: 2.º Manuel João R. Rodrigues. Estes escoteiros receberam como prémio material de campismo. Insígnias de 1.ª classe—Gilberto Guerreiro, de 2.ª classe—José Mascarenhas Tamisa e Manuel António Duarte. Cordão de mérito de 12 especialidades—José Manuel Salgueiro. Cordão de mérito de 6 especialidades—Manuel Gomes Godinho.

Seguiu-se a colocação da Medalha do 40.º aniversário da A. E. P. na bandeira do Grupo 60, pelo sr. vice-presidente da Câmara, que aproveitou esta oportunidade para saudar este grupo. O «6» ofereceu ao «60» uma fita para a sua bandeira, que foi colocada por um lobito daquele Grupo, tendo o chefe Francisco Pina pronunciado algumas palavras a propósito.

Esta primeira parte terminou com o Hino Nacional entoado por toda a assistência, que enchia por completo o vasto salão.

Da segunda parte da sesssão constava a representação da peça escotista «No Rumo da Lei», da autoria do nosso Director, que foi desempenhada com êxito pela sr.ª D. Lina Maia Neto Gomes e pelos escoteiros José Manuel Salgueiro, Manuel Godinho, Leonildo Nunes, Gilberto Guerreiro e José Pedro Contreiras. Foi ponto o sr. Joaquim do Carmo Pereira. Em fim de festa, realizou-se uma exibição de números variados, em que colaboraram a fanfarra de pífaros do Grupo n.º 94 e vários escoteiros dos Grupos n.ºs 93, 10, 9, e 6. A Patrulha Águia do «6» apresentou um «corridinho algarvio», que foi muito aplaudido pela assistência.

Finda a sessão, os escoteiros desfilaram até à sede do 60, que visitaram, apreciando uma exposição de trabalhos manuais, bem como a decoração das suas salas.

Devemos salientar a visita feita pelo representante do «Sempre Pronto», no dia 13, à noite, à sede deste Grupo, sendo recebido ali pelo seu Chefe, sr. José Manuel Pereira, que acompanhou na visita.

O «Sempre Pronto» aproveitou esta oportunidade para saudar o dirigente do «60» pelo aniversário do seu Grupo e fazer votos dos melhores progressos na vida escotista e felicitar particularmente cada um dos seus membros.



Foto W. Karl

A mesa que presidiu à sessão solene comemorativa do 30.º aniversário do Grupo n.º 60

Não fumes!

Exortações dum ex-escoteiro-chefe

—O bom escoteiro não fuma, porque fumar não é acção boa nem limpa!

—O escoteiro é económico? Então, não queima dinheiro em tabaco!

—O escoteiro sabe aproveitar o tempo; não o mata a fumar!...

—O escoteiro não deve fumar—com mais razão ainda se for dirigente, chefe ou guia.

—O escoteiro tem o sentimento da dignidade; mas fumar é uma vergonha!

—O escoteiro aprecia o Ar Livre, portanto, não o vicia—no quarto, no trabalho, no grupo, no acampamento nem em parte alguma.

—O escoteiro é puro de acções, portanto, não suja os dedos, os dentes, os pulmões, o sangue, o falo, o chão, etc. com o imundo vício de fumar. Não é verdade?

—O escoteiro deve ser um modelo de virtudes. Ora, fumar é um vício! Não tinhas reparado nisso?

—O escoteiro prometeu servir a Deus, a Pátria e o Próximo e honrar-se a si mesmo. Fumar apenas serve a indústria e o comércio do tabaco e não honra ninguém...

—O escoteiro é puro de pensamentos; assim, se fuma, não pensa; se pensa, se é um ser racional, não fuma!

—O escoteiro gosta de viver com Saúde, mas fumar é suicidar-se pouco a pouco, inglòriamente...

—O escoteiro deve ter força de vontade para tudo quanto é bom, mas, se fuma, mostra vontade fraca.

—«Toma lá um cigarro!».

—«Obrigado, mas não fumo. Sou escoteiro.

—«Fumei hoje uns tantos cigarros»—eis uma declaração que não pode figurar no número das «boas acções»...

—Amigo escoteiro: Se, infelizmente, ainda és fumador, não te sentes, em consciência, um tanto culpado ao ler de um incêndio inconscientemente causado por... fósforo ou ponta de cigarro?!... Como te envergonharias se tivesses sido tu!...

—«Pois nunca mais fumarei!»—eis a resolução firme de um verdadeiro escoteiro. Felicito-te!

LUCIANO SILVA

«SEMPRE PRONTO»

O Corpo Directivo desde mensário tomou a resolução de não aceitar, de futuro, assinaturas do «Sempre Pronto» destinadas directamente aos grupos de escoteiros, respeitantes a menos de 5 exemplares de cada número.

Todos os grupos que assinem pelo menos este número de exemplares, são considerados GRUPOS COLABORADORES e como tal acolhidos nesta Redacção.

O CORPO DIRECTIVO

A VIAGEM AO ALGARVE

Os nossos camaradas do Grupo 60, de Vila Real de Santo António, informam-nos que, em seu poder, se encontra um chapéu de escoteiro que foi deixado fugir no momento em que partia daquela povoação o comboio com o contingente de Lisboa.

O chapéu será entregue ao escoteiro a quem pertence.

O ESCOTISMO

PASSOU DE MODA?

Periòdicamente, é levantado o assunto de colocar o escotismo ao gosto da época, de o modernizar. Diz-se que vivemos na idade do triunfo da técnica e dos milagres mecânicos. Rádio, motores de reacção, televisão e outros testemunhos dos progressos da ciência do homem, são tantas provas de que o escotismo deve alargar o seu campo de acção se quer dirigir-se ao rapaz de hoje.

Porque se há-de cozer uma refeição num fogo de lenha ao ar livre quando se pode comprar maravilhosos aparelhos para este fim? Ou porque partir em exploração para acampar, quando há comboios e autocarros? Porque finalmente ir ao campo com o trabalho da montagem das tendas, fazer cama de inumeráveis coisas, quando é possível ter todo o conforto por uma quantia muito módica, no que se chama injustificadamente «acampamento de férias»? Porque termos nós próprios canções de fogos de conselho e organizarmos entre nós os nossos passatempos, quando podemos mover o botão do receptor de rádio e, deitados, escutar confortàvelmente?

Na realidade *nós estamos desesperadamente passados de moda*, e é por isso que o escotismo atrai sempre os rapazes. Naqueles casos em que não tem êxito, isso é devido em geral a uma negligência destes factores *démodés* que atraem o rapaz de hoje.

A ideia de Baden-Powell é eterna, porque ela é baseada nas tendências e nos instintos permanentes do rapaz, e não nos caprichos e nas modas passageiras. Era tão fora de moda, em 1907, cozinhar ao ar livre como será em 1957 e, no entanto, o entusiasmo do rapaz continua o mesmo.

Mas Baden-Powell sabia que a maior parte dos rapazes tem uma espécie de necessidade primitiva de volver à terra e de se comportar como pioneiros, homens das florestas e exploradores. Seguramente este é o verdadeiro apelo em que o escotismo é fundado.

Este aspecto da natureza do rapaz é sempre muito acentuado a despeito de todas as nossas invenções modernas. O rapaz certamente estará muito interessado no último modelo de automóvel ou de avião. Este é um aspecto do seu carácter. Mas há também um outro aspecto: o amor profundamente enraizado de viver duramente e e entrar em contacto com a natureza. Nós ocupamo-nos da segunda parte das suas necessidades, e o escotismo é um dos raros organismos que pode satisfazê-las.

A mecanização crescente do nosso século, acompanhada de uma maior dependência do indivíduo, torna cada vez mais importante esta forma compensadora de treino que o escotismo oferece, e pela qual o indivíduo é encorajado a depender da sua própria destreza, e a fazer ele mesmo as coisas de que tem necessidade.

O escotismo sem técnica moderna oferece uma vantagem certa, porque cada um, com as suas qualidades inatas e o seu saber-fazer, pode lançar um grupo ou uma alcateia com, por assim dizer, pouco ou nenhum material. Pouco a pouco os grupos adquirem mais material de valor, como tendas, mas o grupo pode começar a agir sòmente com alguns metros de corda.

Quanto mais nós mecanizarmos o escotismo, mais ele se tornará dispendioso e isso significa inevitàvelmente que cada vez os rapazes terão menos meios para entrar no Movimento.

A minha conclusão pessoal é que o Escotismo faz sempre apelo ao instinto do rapaz pela natureza, e se este apelo puser de parte as actividades modernas mais superficiais, o escotismo não sofrerá por isso. Isto não significa que seja preciso menosprezar ou ignorar o progresso das invenções ou das realizações mecânicas. Isso deve ficar para as nossas considerações secundárias. Devemos permanecer firmes na nossa convicção de que uma fogueira ao ar livre e uma marmita significam mais para o rapaz do que o último modelo de autocozinha.

REYNOLDS

Tradução de «Lumière», revista de chefes dos escoteiros israelistas de França.

• • o • •

O Centenário de Baden-Powell

Um dos principais aspectos das comemorações do centenário do nascimento de Baden-Powell, que passa em 1957, será a emissão pelos Correios de muitos países de selos comemorativos, homenagem bem merecida ao inspirado fundador do Movimento Escoteiro.

Certamente, que Portugal não ficará indiferente a esta homenagem, pois Baden-Powell tinha pela nossa Pátria particular estima, referindo-se ao nosso glorioso passado com palavras de admiração numa das suas principais obras.

Os filatelistas, que se dedicam ao tema escotista, vão ter em 1957 uma rara oportunidade de enriquecer as suas colecções, pois, certamente, só para além da *cortina de ferro*, onde o Escotismo foi suprimido, se deixará de prestar este tributo a Baden-Powell.

Cantinho dos mais novos

Um homem íntegro

Acaso haverá homens íntegros? Não sei ao certo se há, ou quantos são, mas se os há de facto, devem ser poucos.

O homem íntegro é evidentemente aquele que se domina a si próprio, que a sua mentalidade é suficientemente forte para suprimir as suas faltas, os seus pecados, os vícios e para enfrentar com ânimo forte quaisquer realidades da vida, por mais duras que elas sejam.

Um homem que aliar estas qualidades a um ideal puro e humano, a sentimentos nobres e ideias de progresso, na minha opinião esse será um homem íntegro.

Decerto que pouca gente consegue esta integridade de carácter, mas é muito natural que tenha havido e haja ainda homens íntegros.

Um homem, recordo eu, bastante conhecido em todo o mundo, ainda há poucos anos vivo, que aliou a sentimentos nobres, a ideias generosas e a um ideal puro e humano, um grande ideal na verdade. Esse ideal tem conquistado muitos corações jovens em todo o mundo, é um ideal que pode fazer dos rapazes de hoje homens íntegros. Esse homem foi Baden-Powell.

Agora eu raciocino: Esse ideal tão puro e humano poderia ter nascido na mente de um homem que não tivesse um carácter íntegro? Nunca! Baden-Powell inspirou o ideal Escotista porque era um Homem de verdade e um autêntico Cavaleiro Andante.

Ao prestar a minha homenagem a Baden-Powell, afirmo que me sinto honrado e orgulhoso por seguir o seu ideal, ideal que foi proclamado por um homem de carácter íntegro.

ANTÓNIO NORBERTO DE SOUSA CUNHA
Escoteiro do Grupo 77—Faro

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Visita—Esteve em Lisboa em 25 de Agosto passado, e deu-nos o grato prazer da sua visita, o nosso estimado assinante do Porto, Sr. Manuel de Bourbon e Noronha Amorim. Este nosso irmão escoteiro parte brevemente para Luanda onde vai fixar residência.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe felicidades no novo rumo da sua actividade profissional.

De luto—Pelo falecimento de sua mãe ocorrido em Agosto passado, encontra-se de luto o nosso dedicado amigo e antigo-escoteiro Sr. Eduardo Rolão, a quem apresentamos sentidos pêsames.

De Viagem—Em 2 de Setembro corrente, partiu para Paris e Bruxelas a nossa estimada colaboradora sr.ª Dr.ª Lídia de Medeiros, onde vai fazer um estágio e tomar parte em estudos de investigação científica.

Desejamos-lhe uma feliz estadia e os melhores resultados para os seus trabalhos.

Vós sois Escoteiros

(...) Ser Escoteiro não é ùnicamente envergar um uniforme, acampar, frequentar a sede umas tantas vezes por semana e ostentar a Flor de Lis na botoeira: é, *acima de tudo* procurar, *voluntàriamente*, o nosso aperfeiçoamento moral, para que a sociedade a que pertencemos possa, igualmente, aperfeiçoar-se; é, antes de tudo, *servir*. Portanto cada um de vós tem de fixar no seu espírito esta verdade comezinha: a primeira condição para que um Escoteiro se imponha no conceito dos «rostos pálidos» é que nele confiem, nele acreditem: na *sua* palavra, no *seu* esforço, na *sua* missão. É preciso, pois, que, no desejo de, realmente, tirar do Escotismo o primeiro benefício de entre tantos que ele deve levar à alma de cada rapaz, cada um dê a *sua* palavra de honra a SI PRÓPRIO de que empregará todos os esforços para cumprir a Lei. Fazendo-o, todo o esforço futuro será mais fácil; e assim, adquirido o hábito do cumprimento do dever, a noção deste impor-se-á a cada um, por forma a jamais a poder esquecer.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

• • o • •

DO ENTRONCAMENTO

O 25.º aniversário do Grupo n.º 84

Incluído no programa das comemorações das suas «bodas de prata», o Grupo 84 realizou um acampamento na Quinta da Cardiga nos dias 13 a 15 de Agosto findo.

O acampamento foi muito visitado por amigos do grupo, que tiveram ocasião de apreciar diversos e interessantes trabalhos de campo construídos pelos escoteiros. Entre as visitas, teve este grupo a honra de receber o seu ilustre presidente, sr. José Duarte Coelho, que dirigiu algumas palavras de estímulo aos escoteiros. O chefe sr. Amorim recebeu o Compromisso de Honra dos novos escoteiros Carlos A. S. Paiva, Vítor Manuel Dias Alexandre, Manuel do Rosário Azevedo, Eduardo da Conceição Lourenço, José Maria Tanoeiro, Jorge Manuel M. Dias Sirgado, Jorge Aníbal R. Horta e Cipriano A. P. Silvestre, que tiveram como madrinhas um grupo de gentis meninas que assistiram a esta festa de campo.

Finda a cerimónia do compromisso, realizaram-se interessantes provas desportivas, sendo atribuídos prémios aos vencedores.

Na tarde do dia 15, os escoteiros regressaram a suas casas satisfeitos pelos belos dias passados em excelente camaradagem e entoando, estrada fora, as suas alegres canções—*C.*

N. R.—*O «Sempre Pronto» saúda o «84» pelo seu 25.º aniversário e felicita o pelo bom número de novos escoteiros com que reforçou as suas fileiras. Que isso possa significar um novo período de boa actividade do simpático grupo do Entroncamento.*

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



Clã «Lobo Gris» — Madrid

Em meados de Agosto passado, foi-nos dado o grande prazer de abraçar em Lisboa um bom número de amigos deste Clã constituído por antigos escoteiros de Espanha.

Os primeiros que nos deram a honra de sua visita foram José Forasté e Róman García, que, com 14 rapazes, tomaram parte no Acampamento Regional de Lisboa do C. N. E., realizado na Tapada de Mafra.

Em 14 de Agosto, chegou a Lisboa o nosso dedicado correspondente em Espanha Enrique Genovés, bem como Roberto Moro, que já nos tinha visitado em Janeiro, e Pedro Martinez, em companhia de suas esposas estes dois, e ainda Mariano. No dia seguinte, chegou também o nosso já velho amigo Victor José J. Malo de Molina. Estes nossos camaradas tomaram parte no acampamento nacional de caminheiros do C. N. E., que se efectuou perto de Ílhavo.

Enrique Genovés partiu para Madrid no dia 15 e, na imposibilidade de cumprimentar tantos amigos que o acarinharam por ocasião da sua visita em Janeiro, pediu para que através do «Sempre Pronto» apresentássemos a todos as suas saudações.

Forasté e Róman, com os 14 rapazes que os acompanhavam, partiram do Domingo, tendo regressado a Madrid durante a semana os restantes. Todos se mostraram encantados com Lisboa e desejosos de aqui regressar com mais tempo.

• • o • •

UM HERÓI

Um escoteiro deu a sua vida para salvar outra

O escoteiro Casimiro dos Santos Fernandes, estudante de teologia do seminário católico de Braga e membro do Corpo Nacional de Escutas, ao passear na praia de Afife, verificou que um rapazito se debatia aflitivamente com as ondas.

Abnegadamente, lançou-se ao mar e conseguiu salvar o rapaz, Lino Queirós da Silva, de 12 anos de idade, amarrando-o a uma corda que foi puxada de terra.

Infortunadamente, porém, perdeu as forças e sucumbiu, desaparecendo nas águas. A morte do heróico escoteiro foi muito sentida, especialmente no Seminário onde era muito estimado.

«Sempre Pronto» apresenta condolências aos seus camaradas do grupo de escutas do Seminário de de Braga, curvando-se em sentida homenagem à memória de tão grande espírito escoteiro.

GUIDISMO

Novos grupos de guias (Escoteiras)

Há hoje possibilidade de constituir grupos de guias e sabemos que muitas meninas interessadas no Escotismo aguardavam ansiosamente esta oportunidade. Está constituída já a Associação das Guias de Portugal e o «Sempre Pronto» está à disposição de todas as senhoras interessadas na organização de grupos de guias para fornecer todas as indicações necessárias para esse efeito.

• • o • •

Uma campanha a favor da

Repartição Internacional de Escotismo

As despesas da Repartição Internacional com o fomento do Escotismo nas diferentes partes do mundo são cada vez mais avultadas, necessitando do apoio de todos os amigos dos escoteiros e, especialmente, dos antigos escoteiros.

Para este efeito, foi agora lançado um apelo solicitando a cooperação de todos numa campanha intitulada «International Scout Stamp Scheme» e que tem em vista recolher selos de correio de todos os pontos do mundo. A Repartição Internacional pede que lhe sejam remetidos selos de correio, novos e usados, o que permitirá constituir grandes lotes para venda a filatelistas, cujo produto será empregado no incremento do Escotismo nas diferentes partes do mundo.

As remessas poderão ser feitas directamente para

132, Ebury Street, London, S. W. 1
Inglaterra

ou para a

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal—Rua de S. Paulo, 254—1.º—Lisboa ou para a **Redacção do «Sempre Pronto»**.

Os grupos de escoteiros poderiam criar nas suas sedes caixas receptoras de selos, e fazer as suas remessas directamente, recebendo em troca um lindo postal de agradecimento alusivo a esta campanha.

• • o • •

Intercâmbio de Correspondência

Brasil—Algar Goron, rua Machado de Assis, 243, Apt.º 3, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Tomou parte no Acampamento Int. de Patrulhas e deseja corresponder-se com escoteiros ou guias (escoteiras) de Portugal, trocando selos, postais, flâmulas, etc.

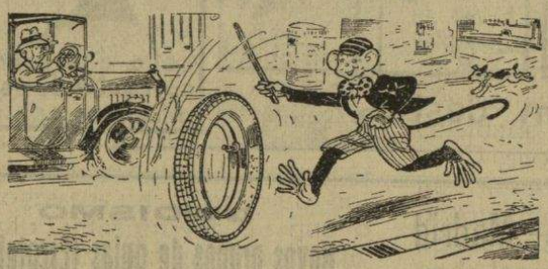
Colômbia—Hernán Betancourt, Ap. Nacional 22—75, Medellín, Colômbia, S. A. Deseja trocar correspondência com escoteiros portugueses.

• • o • •

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

AVENTURAS DE FIFI

V



Cá temos outra vez o nosso amigo Fifi. E de facto ele é amigo de todos. Ei-lo aqui a ajudar um amigo, levando um pneu pelas ruas da cidade. Com tal velocidade, não acabará por atropelar alguém?



As férias começaram agora, mas os precalços já começaram há muito. Como sabe bem andar de baloiço, mas... a força foi de mais e ei-lo em viagem aérea até ao cesto da roupa lavada. Que susto para ele e para a senhora. Ainda por cima é capaz de ter as mãos sujas.



Julgava-se sòzinho, mas foi apanhado em flagrante delito. Como ele está atrapalhado. O pior é o açucareiro...



Até quando deseja ser útil, o nosso Fifi é infeliz. Quis auxiliar o carpinteiro. Afinal... E se os dois ficam sem conserto?

ESCOTEIROS:

Acabamos de receber nova remessa de Lanternas de longo alcance, com projectores em três cores, para pilhas secas.

●

Concedemos descontos mediante a apresentação do cartão de escoteiro, em todos os nossos artigos

●

Electro-Brilhante

Rua dos Fanqueiros, 187

LISBOA

Um problema difícil

Desta vez, o Carlos não conseguiu decifrar o problema. Foi o grande acontecimento da patrulha «Veado». Carlos não atentou bem nos dados que foram publicados e, desta maneira, errou algumas das conclusões.

O João explicou, depois, quais eram os resultados certos que, em resumo, são os seguintes:

Depreende-se:

Do 2.º dado: que António e João moram ao lado um do outro.

Do 4.º: que estes dois moram em números pares (10 e 12) pois que a porta de Fernando é a n.º, 9.

Do 3.º: que Helena é a mulher do retroseiro e Laura a do droguista.

Do 5.º: que Alice não é casada com o merceeiro.

Do 6.º: que António não é o merceeiro.

Do 6.º com o 2.º e 4.º: que António mora no n.º 10 e o João no 12.

Do 7.º: que o Fernando não é droguista.

Do 5.º: que, Alice não é merceeira e (v. 3.º) não é também casada com o retroseiro nem com o droguista, é certamente padeira.

Primeiras conclusões:

Alice é padeira; Helena é retroseira; Laura droguista e Manuela merceeira. Fernando mora no n.º 9: António mora no 10, João no 12 e Álvaro, portanto, no 11.

Outras conclusões:

Do 2.º e 6.º: João é o merceeiro.

Do 4.º: se Fernando não é o padeiro, nem merceeiro (v. 2.º e 6.º), nem droguista, é, necessàriamente, o retroseiro.

Do 1.º: se Helena mora no n.º 9 e se tem de atravessar a rua para ir ao padeiro, se a mercearia é no n.º 12, António é padeiro.

Temos, então, por exclusão de partes, Alvaro morando no n.º 11 casado com Laura e tendo uma drogaria.

O Carlos não se deixou esmorecer por não ter encontrado a solução.

—Deixa lá— redargiu ele—que a minha próxima adivinha vai dar brado. Verás.

Mas conseguirá ele pôr o João em dificuldade?

* * *

O escoteiro Fernando Rosa C. de Matos, de Faro, não conseguiu desta vez acertar na solução correcta. Esperamos que, noutra ocasião, ele possa mostrar bem a sua perspicácia e ajudar os seus camaradas da «Veado» na decifração dos difíceis problemas.

É bom saber...

O pai do Presidente Paasikivi da Filândia era dono de um armazém de secos e molhados; o Primeiro Ministro Kekkonen é filho de um administrador de fazenda; o Ministro do Interior Väino Leskinen é filho de um carpinteiro; o Ministro do Exterior Johannes Virolainen era empregado de uma fazenda na Carélia.

Isto prova que pelo estudo e trabalho todos os jovens podem alcançar situações privilegiadas.

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!» VENDEM-SE NA

TABACARIA BOA-HORA

Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA